

Eduardo Campos: Marcos da Trajetória do Escritor

P. S. Narimanian

No estudo "Evolução e natureza do conto cearense", publicado na Revista CLÁ (1951/52) e reproduzido em *Uma Antologia do Conto Cearense* (IUC, 1965), o grande crítico Braga Montenegro assim definia a múltipla atuação literária do terceiro escritor, por ordem alfabética, integrante dessa coletânea:

Estreando-se no conto, Eduardo Campos publicou três livros no gênero: Águas Mortas (1943), Face Iluminada (1946) e Viagem Definitiva (1949). É autor também de algumas peças de teatro, duas das quais: O Mônio e a Rosa (1948) e O Anjo (1950). De além da Medicina Popular (1951) e o Folclore do Nordeste. Na ficção, o autor tentaria ainda o romance, O Conto das Mortos, não porém com absoluto sucesso.

1ª Parte

Estudos

No desempenho da função de coordenador na referida Antologia, dos livros de contos de Eduardo Campos, o renomado crítico Braga Montenegro decidiu pela seleção de *Jamília Pe-Torto*, obviamente por considerar a melhor das narrativas do gênero, até então editadas pelo seu confrade do Grupo CLÁ.

Dispondo do livro *Face Iluminada* (Edições CLÁ, 1946), para a análise formal e conteudística que pretendia realizar, foi *O Abutre* que me pareceu a mais indicada tessitura ficcional para o referido objetivo. Concluída a "Leitura crítica de um conto de Eduardo Campos", em 1971 fiz pequena tiragem xerografada, distribuindo-a a alguns críticos nacionais e até a universidades estrangeiras.

Quando essas remessas aconteceram, o cubano Antonio García-Paz integrava o Department of Spanish and Portuguese, da University of Minnesota, USA. E, chegadas às suas mãos a minha Leitura crítica e uma cópia de *O Abutre*, esse mestre de

Eduardo Campos, Oitenta Anos

José Costa Matos

Da Academia Cearense de Letras

Os 80 anos da presença de Eduardo Campos neste planeta, por certo, abrem vertentes para todos os quadrantes da vida do Ceará. Que assuntos expressos pela palavra não receberam sua abordagem? Os dicionários chamam a isto poligrafia. Entre os polígrafos brasileiros, Eduardo Campos faz pensar em Coelho Neto, Gustavo Barroso, Afrânio Peixoto...

Nos livros deste homem de Pacatuba, há uma linha que não se quebra na passagem de um gênero literário para outro. Em todos eles, está o propósito de registrar fatos e aspectos do itinerário dos cearenses no tempo. *História*. Aliás, o próprio Eduardo Campos é desenvolvimento histórico. Sua vida tem trechos de identificação com a história do jornalismo, com a história do rádio, com a história da televisão.

Jornalismo. Quase na esquina da Rua Senador Pompeu com Guilherme Rocha, estava a redação do *Correio do Ceará* e do *Unitário*. Jornais vizinhos da "Pensão Sobral", dos pais de Adísia Sá. Dessa hospedaria de estudantes, a futura valentia publicitária de Adísia Sá escutava, pelas madrugadas, ronco surdo das impressoras dos dois jornais da atuação de Eduardo Campos.

E a memória agita figuras que teimam em ficar no testemunho daquela imprensa. Felizardo Mont'Alverne, sobralense elegantíssimo nos seus jaquetões; Orlando Mota; Pantaleão Damasceno; Aauto Gondim, o mago da trova; Epitácio Quezado Cruz, redator, eleito deputado estadual, pelo povo, eleito secretário vitalício da Universidade de Fortaleza, pela finura administrativa de Edson Queiroz... e mais tantos...

Quando Eduardo Campos editou *O Chão dos Mortos* e *À Véspera do Dilúvio*, escrevi estudos sobre esses romances. Meus textos foram divulgados pelo *Correio do Ceará*. Vitória literária recebida com certa incredulidade na minha Ipueiras.

Mas lá, nas rodas de conversa do Mercado Público, e em meio ao silêncio respeitoso de Ribeirão do Açougue, Cesário Capeta, Antônio Télogo e Chico Verdadeiro, Abílio Sabóya falou nos meus merecimentos. "Rapaz de futuro!" Dito por ele, isto era muito. E todos me viram glorioso e triunfante.

Radiofonia. Eduardo Campos presente. A Ceará Rádio Clube usava seus atores na transmissão de novelas. Djacir Oliveira, ator, é também historiador dessa fase do rádio cearense. Grande público das dramatizações em vozes daqui mesmo, freguesas do café no Abrigo Central da Praça do Ferreira. A voz de Paulo Cabral na linha de superioridade nacional das vozes de Carlos Frias e Luiz Jatobá.

No programa *Coisas Que o Tempo Levou*, José Lima Verde sustentava o misticismo do termo saudade, herança semântica de Portugal inexistente noutras línguas.

Aos domingos, o *Bazar de Músicas* chegava ao rádio das casas. E se dançava.

Meu pai, Sebastião Gomes de Matos, extraía fibras de caroá em São José das Lontras e Cana Mansa, na agrestia da Macambira. Lá onde a Serra da Ibiapaba descamba para o Piauí. Muitas máquinas, muitos operários sem temor de secas. O caroá não precisa de chuvas.

Os operadores das máquinas se cobriam de poeira verde. Nas noites de domingo, no entanto, com águas-de-cheiro capazes de espirros, lá estavam nas danças do *Bazar de Músicas*.

O gigante negro Candé não perdia o seu *Bazar das Inlusão*. Suava, delicado, no programa da Ceará Rádio Clube. O receptor era único numa roda de muitas léguas. Potentíssimo sobre as distâncias do areal da Macambira. E só agora, Eduardo Campos vai saber que sua emissora fazia alegrias por lá.

(E que fizeram no mundo os estranhos olhos cinzentos de Cecília Pinheiro, a menina da máquina desfibradora de caroá?)

História de Eduardo Campos. História da televisão. A TV Ceará – Canal 2 iniciou os cearenses nos rituais da fabricação de mitos. Revolução nas comunicações. Logo, nos costumes. O Concílio Vaticano II, iniciado por João XXIII e encerrado por Paulo VI, ampliou o choque social que ajudou a implantação do império comunicativo da televisão.

Sob Eduardo Campos, a TV Ceará se integrava nas ações de mudança. Valorizava os agentes do novo social. O programa *Sete Dias em Destaque* agraciava aqueles que, na semana, respondiam por fatos de relevo especial. E lá estava João Ramos entregando, aos homenageados da semana, as jangadinhas fundidas em aço, símbolos do reconhecimento do Ceará.

Por muitos anos, Augusto Borges animou o *Show do Mercantil*, depois, *Show de Sábado*. Aí, entrevistou Albert Sabin, descobridor da vacina contra a poliomielite. Entrevistou Bienvenido Gandra, “o bigode que canta”. E Virgílio Távora, quantas vezes? Aí, a Receita Federal teve um quadro de orientação dos contribuintes do Imposto de Renda. Durante oito anos.

Por aí, passaram os cantores que o Ceará projetou no Brasil, Raimundo Fagner, Ednardo, Belchior. Passaram outras belas vozes, como as de Mardônio e Baby Araújo.

Nas galerias, a generosidade das presenças e das almas de Célio Curi. E o Cobra, o fotógrafo de tudo? Certa revista publicou foto de um grupo com a legenda: “Reunião do FBI”. A agência investigadora do governo dos Estados Unidos? É que foram fotografados no *Show do Mercantil* Virgílio Távora, Augusto Borges, Joseoly Moreira e Costa Matos, aí também designados pela sigla FBI – Federação dos Baixinhos Invocados... Arrumação genial de Joseoly.

Na bancada de analistas do “Show” de Augusto Borges, quantos nomes ficaram na lembrança e na estima do Ceará. Entre eles, Gustavo Silva, Joseoly Moreira, Darcy Sampaio, Onélio Porto, Heloísa Facó, Ana Maria, Marly Góes Sampaio, padre Alcântara, tão iluminado...

Certamente, Deus revê, Deus reescuta tudo isto. E tem bênçãos para os oitenta anos de Eduardo Campos.